

Super Tópicos

Português

d



Pronomes e coesão

Quantas vezes caiu no ENEM ★★★

Complexidade ★★★

Tempo de estudo a dedicar ★★★★★

Resumo

O pronome é uma classe de palavras que acompanham os substantivos, podendo substituí-los, retoma-los ou se referir a eles. Assim, eles servem como recursos coesivos que podem ser classificados em: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos e indefinidos.

verbais bastam para a indicar a pessoa a que se refere, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa.

Exemplo: (Eu) ando; (Nós) rimos.

Pronome Pessoais

Os pronomes pessoais servem para caracterizar as pessoas de uma fala, por exemplo, a 1ª pessoa (quem fala), a 2ª pessoa (com quem se fala) e a 3ª pessoa (de quem se fala). Além disso, funcionam como elemento de coesão para a retomada de um nome anteriormente expresso.

Veja o exemplo: "Levantaram Dona Rosário, embora ela não quisesse."

Os pronomes que servem de sujeito na oração chamam-se retos. Os que desempenham o papel de complemento verbal denominam-se oblíquos.

Os pronomes oblíquos possuem formas tônicas e átonas: as primeiras vêm precedidas de preposição; as segundas não são partículas acentuadas, que se colocam antes ou depois do verbo, como fossem sílaba extra.

Exemplos:

Vi-o. (forma átona)

Veio até mim. (forma tônica)

A 1ª pessoa do plural (nós) é conhecida como o plural da modéstia, pois é utilizado para evitar um tom impositivo ou muito pessoal de opiniões. Os escritores costumam utilizar-se do nós em lugar da forma verbal eu, por esse motivo. Essa estrutura é encontrada em redações de vestibulares, dissertações de mestrado, etc. pois o autor procura dar a impressão que as ideias que expõe são compartilhadas por seus leitores.

Se os pronomes oblíquos ou objetivos exercem a função de objeto, logo eles são divididos em:

- objetivos diretos:** me, te, nos, você, o, a, os, as, vos, se. Também pertencem a este grupo as variações "lo", "la", "los", "las", "no", "na", "nos", "nas".
- objetivos indiretos:** "me", "te", "se", "lhe", "nos", "vos", "lhes".

Pronomes Possessivos

Enquanto os pronomes pessoais denotam as pessoas gramaticais, os possessivos, o que lhes cabe ou pertence. Eles apresentam formas correspondentes à pessoa que se referem. Observe o quadro:

		Pronomes Pessoais Retos	Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos	Pronomes Pessoais Oblíquos Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, consigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, olhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

		Um possuidor		Vários possuidores	
		Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1ª pessoa	masculino	meu	meus	nosso	nossos
	feminino	minha	minhas	nossa	nossas
2ª pessoa	masculino	teu	teus	vosso	vossos
	feminino	tua	tuas	vossa	vossas
3ª pessoa	masculino	seu	seus	seu	seus
	feminino	sua	suas	sua	suas

O emprego da 3ª pessoa do singular ou do plural pode gerar ambiguidade em uma frase por conta da dúvida a respeito do possuidor. Para evitar qualquer ambiguidade, a Língua Portuguesa nos oferece precisar o possuidor com

Os pronomes sujeitos (pessoais reto) são normalmente omitidos na Língua Portuguesa porque as desinências



a utilização das formas: dele(s), dela(s), de você(s), do(s) senhor(es), da(s) senhora(s), entre outras expressões.

Para reforçar a ideia de posse visando a clareza e a ênfase, costuma-se utilizar as palavras: próprio, mesmo. Por exemplo: Era ela mesma; eram os seus mesmos braços.

Pronomes Demonstrativos

São pronomes utilizados para indicar posição de algo (no espaço, no tempo ou no discurso) em relação às pessoas do discurso.

1º pessoa	2º pessoa	3º pessoa
Esta(s), este(s), isto	Esse(s), essa(s), isso	Aquele(s), Aquela(s), Aquilo

Funções

- No tempo**
Este ano está perfeito. (presente)
Esse ano foi/será perfeito. (passado ou futuro próximo)
Aquele ano foi perfeito. (passado remoto)
- No espaço**
Este é meu carro. (próximo de quem fala)
Esse é meu carro. (próximo do interlocutor)
Aquele carro é meu. (distante do emissor e do interlocutor)
- No texto**
Referência a termos precedentes: o pronome "esse" e suas variações, assim como o "isso", podem atuar anaforicamente, retomando algo que já foi dito. O pronome "este" e suas variações e o "isto" atuam cataforicamente, fazendo referência a algo que ainda será mencionado.

Exemplo: A violência é o principal problema do Rio de Janeiro. Isso deve ser combatido.

Este é principal problema do Rio de Janeiro: a violência.

Quando queremos fazer alusão a dois termos já citados, utilizamos "aquele" e suas variações para o primeiro termo e "este" e suas variações para o último.

Exemplo: João e Roberto trabalham na empresa. Aquele (João) é gerente, este (Roberto), secretário.

Pronomes Indefinidos

São os pronomes utilizados para representar a 3ª pessoa do discurso de maneira indeterminada ou imprecisa.

Masculino	Feminino
Alguns(s), certo(s), muito(s), nenhum(uns), outro(s), qualquer(qualsquer), tanto(s), todo(s), vários, pouco(s), bastante(s)	Alguma(s), certa(s), muita(s), nenhuma(s), outra(s), qualquer(qualsquer), tanta(s), toda(s), vária(s), pouca(s), bastante(s)

Invariáveis
Alguém, algo, nada, ninguém, outrem, cada, tudo

Existem pronomes indefinidos que são utilizados na formulação de perguntas. Eles são chamados de interrogativos

Interrogativos
Quem, que, quanto, qual

Classificação

- Pronome indefinido substantivo:** assumem o lugar do ser ou da quantidade aproximada de seres na frase.
São eles: algo, alguém, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.

Exemplo: Algo foi dito na reunião.
- Pronome indefinido adjetivo:** qualificam um ser expresso na frase, conferindo-lhe a noção de quantidade aproximada.
São eles: cada, certo(s), certa(s).

Exemplo: Certas pessoas têm enxaqueca crônica.

Emprego

- Ninguém:** admite dupla negação, quando estiver atuando como sujeito.
Exemplo: Não foi ninguém.



b) **Algum:** Possui valor positivo, se vier anteposto ao substantivo; posposto, negativo.
Exemplo: Alguma pessoa virá à festa. / Pessoa alguma virá à festa.

c) **Qualquer:** não devemos utilizá-lo como sinônimo de "nenhum".
Exemplo: Ele não tem qualquer chance de conseguir o emprego. (errado)

Obs.: Pronome indefinido X Adjetivos

Algumas palavras podem ser pronomes indefinidos ou adjetivos.

Exemplo: Certa pessoa passou por aqui. (pronome indefinido)

A pessoa certa passou por aqui. (adjetivo)

Exemplo 2: Toda semana eu estudava. (pronome indefinido)

Toda a semana eu estudava. (adjetivo)

Pronome indefinido X advérbio

Exemplo: Tenho bastantes cabelos. (pronome indefinido)

Gosto bastante dela. (advérbio de intensidade)

Pronomes Relativos

São os pronomes que representam nomes já mencionados e com os quais se relacionam. Além disso, são utilizados para unir orações e introduzem as subordinadas adjetivas.

Exemplo: O perfume que adoro. (refere-se ao antecedente "perfume").

Variáveis	Invariáveis
O qual, os quais, a qual, as quais, quanto(a),	Onde, que, quem

quantos(as), cujos(as)	cujo(a),	
---------------------------	----------	--

Obs.: Os pronomes relativos devem sempre vir precedidos pela preposição exigida pelo verbo da oração.

Exemplo: Esse é o menino de quem gosto. /Essa é a festa sobre a qual falei.

Emprego

a) **Onde:** Só pode ser utilizado para fazer referência a lugares. Equivale a "em que".
Ex.: O Brasil é o país onde moro.

b) **Quem:** Só pode ter como antecedente pessoa (ou coisa personificada). É sempre precedido por preposição.
Ex.: Ela é a pessoa por quem fui apaixonado.

c) **Que/ o(a) qual / os(as) quais:** podem fazer referência tanto a pessoas, quanto a coisas. Porém, é preciso ter atenção ao uso da preposição. Se a preposição for monossílabo "a", "de", "por", devemos utilizar o pronome "que". Se a preposição possuir duas ou mais sílabas "entre", "sobre", "para", utilizamos o(a) qual, os(as) quais.
Ex.: O cidade em que moro é maravilhosa.

Os assuntos sobre os quais falei cairão na prova.

d) **Cujo(a)(s):** é utilizado para estabelecer relação de posse. Não é correto utilizar artigo após o "cujo" e suas variações.
Ex.: Passei pela mulher cuja beleza é infinita.

Derrubaram as casas cujas as paredes estavam caindo. (ERRADO)

e) **Quanto(a)(s):** são utilizados após os indefinidos "todo", "tanto" e "tudo".
Ex.: Fiz tanto quanto ele.

Exercícios

1. Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, *Evolução política do Brasil*. Adaptado.

O pronome “ela” da frase “Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções”, refere-se a

- “desmedida ambição”.
- “Casa de Avis”.
- “esta burguesia”.
- “ameaça castelhana”.
- “Rainha Leonor Teles”.

2. Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake* sabia disso e afirmou: “A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê”. Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo. Adélia Prado disse: “Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra”. Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

(Rubem Alves. *A complicada arte de ver*. Folha de S.Paulo, 26.10.2004)

* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês. Autor dos livros de poemas *Song of Innocence* e *Gates of Paradise*.

A respeito do pronome ‘disso’, sublinhado no texto, pode-se dizer que é um:

- possessivo de segunda pessoa e se refere ao conteúdo do parágrafo anterior.
 - demonstrativo combinado com prefixo e se refere aos ipês floridos citados a seguir.
 - demonstrativo masculino de segunda pessoa e se refere ao poeta William Blake.
 - demonstrativo neutro que tem como referência a última frase do parágrafo anterior.
 - possessivo neutro e se refere a Moisés diante da sarça ardente.
3. Convivas de boa memória

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem boa memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

(ASSIS, de Machado. *Dom Casmurro* - Editora Scipione - 1994 - pág 65)

A palavra sublinhada em "...mas isso mesmo pode ser olvido e confusão" se refere:

- À precária memória do narrador.
- Às pessoas que viveram em hospedarias.
- À vida dos convivas.
- Às pessoas que passam a vida na mesma casa de família.
- Ao narrador não se lembrar da cor das calças.

4. COMO AS GRANDES CIDADES AFETAM A QUALIDADE DE VIDA

Uma pesquisa do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) foi a fundo para saber que tipo de pane as grandes cidades provocam no cérebro de quem habita esse cenário. Batizado de São Paulo Megacity, o estudo foi feito com mais de 5 mil moradores da região metropolitana da capital paulista. Os resultados revelam: quase 30% dos participantes apresentam transtornos psicológicos. O trabalho, vencedor do Prêmio SAÚDE 2012 na categoria Saúde Mental e Emocional, é parte de um grande levantamento feito em 24 países. E, na opinião da psiquiatra Laura Helena Silveira Guerra de Andrade, responsável pelo projeto por aqui, ele serve de modelo – e de alerta – para outros aglomerados com mais de 10 milhões de habitantes, incluindo cidades brasileiras que se aproximam dessa dimensão. "Constatamos que, nelas, as mulheres têm mais distúrbios de ansiedade e humor, enquanto homens ficam propensos a problemas de controle de impulso e abuso de drogas", resume a médica. A vulnerabilidade feminina tem explicação sobretudo em dois fatores. Um deles, aponta Wang Yuan Pang, psiquiatra integrante do SP Megacity, está na oscilação hormonal. O outro, no excesso de responsabilidade. O perrengue com as contas no fim do mês engrossa a lista de responsáveis pela fragilidade mental. "Quando o desemprego é alto, sem renda para o sustento familiar, o risco de compensar a angústia no álcool e nas substâncias ilícitas se amplia", explica Pang. "Além disso, muita gente vive em áreas de privação, com infraestrutura precária e graves problemas de marginalização, o que também contribui para esse quadro", acrescenta.

(Disponível em <http://mdemulher.abril.com.br/bem-estar/reportagem/viver-bem/comograndes-cidades-afetam-qualidade-vida-735567.shtml>)

Releia o seguinte trecho do texto: "(...) provocam no cérebro de quem habita esse cenário."

O pronome demonstrativo sublinhado é usado para recuperar o seguinte termo

- "tipo de pane."
- "no cérebro."
- "as grandes cidades."
- "Uma pesquisa."

5. Em sua última viagem aos Estados Unidos como primeira-ministra, Margaret Thatcher revelou a George Bush: "Antes de nomear um ministro, peço-lhe para decifrar um enigma. A Geoffrey Howe, por exemplo, perguntei: Se é filho de seu pai e não é seu irmão, quem é então? Geoffrey Howe respondeu: Sou eu. E lhe dei o cargo de chanceler".

Impressionado, Bush resolveu testar o método com seu vice, Don Quayle. Propôs o mesmo enigma. Quayle pediu um tempo para pensar. Depois, telefonou ansioso para Henry Kissinger, que lhe ensinou:

- A resposta é "eu".

Quayle voltou a Bush com ar de triunfo:

- A resposta é Kissinger.

Bush bradou, contrariado:

- Não, é Geoffrey Howe.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

A piada baseia-se na solução de um enigma. Depois de ser apresentado a um político inglês, Geoffrey Howe, o enigma é apresentado aos políticos estadunidenses George Bush, Don Quayle e Henry Kissinger. Do ponto de vista linguístico, o efeito humorístico dessa piada deve-se ao fato de que a referência do pronome pessoal na resposta ao enigma é interpretada equivocadamente por:

- Quayle e Bush.
- Quayle e Kissinger.
- Bush e Kissinger.
- Bush, Quayle e Kissinger.

6. A FITA MÉTRICA DO AMOR

Como se mede uma pessoa? Os tamanhos variam conforme o grau de envolvimento. Ela é enorme pra você quando fala do que leu e viveu, quando trata você com carinho e respeito, quando olha nos olhos e sorri destravado. É pequena pra você quando só pensa em si mesmo, quando se comporta de uma maneira pouco gentil, quando fracassa justamente no momento em que teria que demonstrar o que há de mais importante entre duas pessoas: a amizade. Uma pessoa é gigante pra você quando se interessa pela sua vida, quando busca alternativas para o seu crescimento, quando sonha junto. É pequena quando desvia do assunto.

Uma pessoa é grande quando perdoa, quando compreende, quando se coloca no lugar do outro, quando age não de acordo com o que esperam dela, mas de acordo com o que espera de si mesma. Uma pessoa é pequena quando se deixa reger por comportamentos clichês.

Uma mesma pessoa pode aparentar grandeza ou miudeza dentro de um relacionamento, pode crescer ou decrescer num espaço de poucas semanas: será ela que mudou ou será que o amor é traiçoeiro nas suas medições? Uma decepção pode diminuir o tamanho de um amor que parecia ser grande. Uma ausência pode aumentar o tamanho de um amor que parecia ser ínfimo.

É difícil conviver com esta elasticidade: as pessoas se agigantam e se encolhem aos nossos olhos. Nosso julgamento é feito não através de centímetros e metros, mas de ações e reações, de expectativas e frustrações. Uma pessoa é única ao estender a mão, e ao recolhê-la inesperadamente, se torna mais uma. O egoísmo unifica os insignificantes.

Não é a altura, nem o peso, nem os músculos que tornam uma pessoa grande. É a sua sensibilidade sem tamanho.

Martha Medeiros, *Non-stop: crônicas do cotidiano*. Rio de Janeiro: L&PM Editores. 2001. 171p.

No trecho “Uma pessoa é grande quando **perdoa** [...], quando age não de acordo com o que esperam **dela**, mas de acordo com o que espera de **si** mesma”, o termo “pessoa”, nas expressões destacadas do trecho acima, é retomado por meio de alguns recursos coesivos, a saber:

- elipse, pronome pessoal do caso reto e pronome pessoal do caso oblíquo.
- pronome pessoal do caso oblíquo, elipse e pronome pessoal do caso oblíquo.
- elipse, pronome pessoal do caso oblíquo e pronome pessoal do caso oblíquo.
- pronome pessoal do caso oblíquo, elipse e pronome pessoal do caso reto.

7. Música e Poesia

Luciano Cavalcanti

A relação entre música e poesia vem desde a antiguidade. Na cultura da Grécia Antiga, por exemplo, poesia e música eram praticamente inseparáveis: a poesia era feita para ser cantada. De acordo com a tradição, a música e a poesia nasceram juntas. De fato, a palavra “lírica”, de onde vem a expressão “poema lírico”, significava, originalmente, certo tipo de composição literária feita para ser cantada, fazendo-se acompanhar por instrumento de cordas, de preferência a lira.

A partir de então, configuraram-se muitos momentos em que a música e a poesia se uniram. Segundo Antônio Medina Rodrigues, “a grande poesia medieval quase que foi exclusivamente concebida para o canto. O Barroco, séculos além, fez os primeiros ensaios operísticos, que iriam recolocar o teatro no coração da música. Depois Mozart, com a Flauta mágica ou D. Giovanni, levaria, como sabemos, esta fusão ao sublime”.

Durante muito tempo, a poesia foi destinada à voz e ao ouvido. Na Idade Média, “trovador” e “menestrel” eram sinônimos de poeta. Seria necessário esperar a Idade Moderna para que a invenção da imprensa, e com ela o triunfo da escrita, acentuasse a distinção entre música e poesia. A partir do século XVI, a lírica foi abandonando o canto para se destinar, cada vez mais, à leitura silenciosa.

Entretanto, mesmo separado da música, o poema continuou preservando traços daquela antiga união. Certas formas poéticas, ainda vigentes, como o madrigal, o rondó, a balada e a cantiga aludem diretamente às formas musicais. Se a separação de poetas e músicos dividiu a história de um gênero e outro, a poesia não abandonou de vez a música tanto quanto a música não abandonou de vez a poesia. [...]

(Disponível em e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/2993/2342. Acesso: terça-feira, 12 de novembro de 2013) [adaptado]

“(...) e com **ela** o triunfo da escrita (...)”.

Que termo é retomado pelo pronome pessoal “ela” presente no trecho destacado acima?

- invenção da imprensa
- Idade Moderna
- música e poesia
- leitura silenciosa

8. "Todo dia duzentos milhões de pessoas levam suas vidas em português. Fazem negócios e escrevem poemas. Brigam no trânsito, contam piadas e declaram amor. Todo dia, a língua portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos, e que ela acolhe como filhos. Língua da qual povos colonizados se apropriaram e que devolvem agora, reinventada. Língua que novos e velhos imigrantes levam consigo para dizer certas coisas que nas outras não cabe. Toda noite, duzentos milhões de pessoas sonham em português."

Texto de abertura do filme "Língua – vidas em português", de Victor Lopes).

No texto, há um pronome usado para substituir a expressão "a língua portuguesa". Assinale a alternativa que indique corretamente essa substituição.

- a) suas
- b) ela
- c) da qual
- d) que

9. O PAVÃO

Eu considereei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta como um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considereei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considereei, por fim, que assim é o amor, oh! Minha amada; de tudo que suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glória e me faz magnífico.

Rubem Braga

No trecho da crônica de Rubem Braga, os elementos coesivos produzem a textualidade que sustenta o desenvolvimento de uma determinada temática. Com base nos princípios linguísticos da coesão e da coerência, pode-se afirmar que:

- a) na passagem, "Mas andei lendo livros" (linha 3), o emprego do gerúndio indica uma relação de proporcionalidade.
- b) o pronome demonstrativo "este" (linha 8) exemplifica um caso de coesão anafórica, pois seu referente textual vem expresso no parágrafo seguinte.
- c) o articulador temporal "por fim" (linha 12) assinala, no desenvolvimento do texto, a ordem segundo a qual o assunto está sendo abordado.
- d) a expressão "Oh! minha amada" (linha 12) é um termo resumitivo que articula a coerência entre a beleza do pavão e a simplicidade do amor.
- e) o pronome pessoal "ele" (linha 10), na progressão textual, faz uma referência ambígua a "pavão".

10. Fazer 70 anos

Fazer 70 anos não é simples.

A vida exige, para o conseguirmos, perdas e perdas no íntimo do ser, como, em volta do ser, mil outras perdas.

[..]

Ó José Carlos, irmão-em-Escorpião!

Nós o conseguimos...

E sorrimos

de uma vitória comprada por que preço?

Quem jamais o saberá?

ANDRADE, C.D. *Amar se aprende amando*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992 (fragmento).

O pronome oblíquo "o" nos versos "A vida exige, para o conseguirmos" e "Nós o conseguimos", garante a progressão temática e o encadeamento textual, recuperando o segmento

- a) "Ó José Carlos".
- b) "perdas e perdas".
- c) "A vida exige".
- d) "Fazer 70 anos".
- e) "irmão-sem-Escorpião".

Gabarito

1. **C**
"Ela" é utilizado para evitar a repetição do termo sobre o qual se fala: "esta burguesia".
2. **D**
O pronome "disso" é anafórico e resumitivo, se referindo ao que foi mencionado anteriormente e englobando todo o sentido já exposto.
3. **E**
"Isso" é anafórico e resumitivo, se referindo ao que foi mencionado anteriormente e englobando todo o sentido já exposto.
4. **C**
O pronome demonstrativo "esse" retoma o sentido de "grandes cidades" para contextualizar e evitar a indesejável repetição de termos iguais dentro de um período curto, porque o cenário a que se refere é o das grandes cidades.
5. **A**
Quayle entende que, quando Henry Kissinger diz que a resposta é "eu", ele está se referindo a ele mesmo, e não ao Quayle. Ao responder para Bush, este também revela não ter entendido a resolução do enigma, pois diz que a verdadeira resposta era "Geoffrey Howe", ou seja, ele não compreendeu que o "eu" era uma referência à própria pessoa a que se apresenta o enigma e não ao Howe obrigatoriamente.
6. **C**
 - I. "Uma pessoa é grande quando perdoa (...)" – Há elipse do termo "pessoa".
 - II. "quando age não de acordo com o que esperam dela" – a retomada se dá por pronome pessoal do caso oblíquo.
 - III. "espera de si mesma" – o pronome "si" é pessoal do caso oblíquo.
7. **A**
A partir do trecho "Seria necessário esperar a idade Moderna para que a invenção da imprensa, e com ela o triunfo da escrita acentuasse a distinção entre música e poesia". A partir disso, fica claro que "ela" retoma a "invenção da imprensa".
8. **B**
O pronome pessoal "ela" é utilizado para substituir a expressão "a língua portuguesa".
9. **C**
O gerúndio, mencionado na opção [A], indica uma ação em andamento e não uma relação de proporcionalidade. Também [B] é incorreta, pois "este" estabelece referência com o que está expresso imediatamente a seguir, no mesmo período e parágrafo: "atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos". As afirmações em [D] e [E] são improcedentes, pois a expressão "Oh" minha amada" é termo exclamativo que expressa o êxtase amoroso de quem o enuncia e o pronome pessoal "ele" faz referência a "teu olhar".
10. **D**
Os pronomes oblíquos destacados recuperam o segmento "fazer 70 anos" do texto.